

Buritizal é cidade-modelo no interior

Com 4.055 habitantes, começou com duas ruas e foi crescendo ordenadamente; hoje, todos os seus quarteirões têm árvores e asfalto

José Maria Tomazela
BURITIZAL

O aposentado Enio Delefrate, de 69 anos, mudou para São Paulo em 1967, mas a cada dois meses volta a Buritizal, sua terra natal, a 451 km da capital, para cuidar de uma propriedade rural e rever amigos e parentes. “O bom é que toda vez encontro tudo certinho em seu lugar”, diz.

A cidade de 4.055 habitantes, no extremo norte do Estado, foi considerada pelo IBGE a mais organizada urbanisticamente do Estado. De zero a 100, a identificação de logradouros recebeu nota 96,2; a iluminação pública, 99,9; a pavimentação, 99,7; as calçadas, 95; o meio-fio, 100; bueios e galerias, 94.

Basta rodar um pouco pelos 120 quarteirões da área urbana, distribuídos por 24 ruas de um quadrilátero quase perfeito, para descobrir a razão. Não há terrenos vazios na área urbana e as casas são simples, mas aconchegantes – a maioria com um pequeno jardim na frente. Todas as ruas são asfaltadas, arborizadas e as esquinas formam ângulos retos. “Aqui não se põe asfalto sem antes passar a rede de água e esgoto”, diz Delefrate.

O esgoto coletado nas casas vai para uma estação de tratamento. As guias das calçadas são pintadas e, em pontos certos, rebaixadas para cadeiras de roda. Os principais prédios públicos

têm rampas.

Na praça central, além do tradicional coreto, há quatro quiosques – já que a prefeitura não permite carrinho de lanche nem ambulante – e um banheiro público bem conservado, embora pudesse estar mais limpo. A igreja de 70 anos contrasta com a câmera de monitoramento e o relógio digital. E todos se conhecem mais pelo apelido que pelo nome.

Segundo o chefe de gabinete da prefeitura, Dagoberto Antonio Rogério, a cidade começou com duas ruas e foi crescendo de forma organizada. Hoje não se constrói ali se o lote não tiver água, esgoto, iluminação e asfalto. A maioria dos lotes mede 14 metros por 35. “Não autoriza-

mos desmembramentos abaixo do lote padrão de 300 m²”, diz ele, contando que a prefeitura está lançando um residencial com 118 lotes.

Município desde 1954, Buritizal tem apenas uma indústria, a Usina Buriti, a maior empregadora da cidade. O estudante Caique Bichuette, de 18 anos, viaja todo dia para fazer faculdade de Veterinária em Ituverava. “A prefeitura lhe dá a condução e um auxílio mensal de R\$ 200.”

Para o agricultor José Stuck, o Zé do Fusca, a cidade já foi mais pacata. “Ano passado tentaram explodir o caixa eletrônico do banco e neste ano teve um morador que matou a mulher por ciúmes”, conta.

Em SC, Balneário Camboriú lidera ranking nacional

● A pesquisa do IBGE feita em 5.565 cidades brasileiras apontou Balneário Camboriú (SC) como o município com mais qualidade urbana do País. Camboriú tem 91,3% dos domicílios atendidos adequadamente pelos serviços e equipamentos básicos.

Segundo o prefeito Edson Renato Dias (PMDB), conhecido como Periquito, já foram investidos mais de R\$ 180 milhões em in-

fraestrutura. “Ficamos felizes com o resultado da pesquisa.”

O paranaense Marco Aurélio Poli, de 37 anos, diz que não troca o lugar por nada. “Não tenho estresse, o trânsito flui, a cidade é organizada”, elogia. Ele frequentava Balneário Camboriú havia 25 anos até que recentemente decidiu mudar para lá definitivamente com a noiva.

O município tem 108 mil moradores, de acordo com o IBGE, mas esse número salta para mais de 1 milhão na alta temporada, quando os turistas invadem as belas praias da cidade. / **CRIS MORITZ, ESPECIAL PARA O ESTADO**

RETRATOS DO PAÍS



Buritizal. Para Zé do Fusca, cidade já foi mais pacata. “Ano passado tentaram explodir o banco”



Rio. Estado tem a terceira melhor taxa de urbanismo



Balneário Camboriú. 91,3% das casas atendidas adequadamente

1 em cada 3 pessoas vive em casas sem árvores por perto

Em plena Amazônia, Manaus tem 2º pior índice de arborização entre cidades com mais de 1 milhão de habitantes

Luciana Nunes Leal / *RIO*

O País que vai abrigar a Rio+20, a Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável, de 20 a 22 de junho, sofre com a carência de áreas verdes. Um em cada três brasileiros vive em moradias sem uma árvore sequer no entorno. São 50,5 milhões de pessoas (33% do total) em 14,9 milhões de domicílios (32%). Na Região Norte, o índice chega a 63,3% – a melhor cobertura está no Sudeste (26,5%).

Associada à pouca área verde, a precariedade na drenagem de água da chuva aumenta as chances de enchentes nas cidades. Quase seis em cada dez residências (58,5%) estão em quarteirões sem bueiros ou bocas de lobo (a pesquisa não analisou a qualidade de cada um).

De dez itens analisados nos domicílios pelo IBGE, quatro referem-se ao meio ambiente (arborização, bueiros ou bocas de lobo, esgoto a céu aberto e lixo acumulado) e seis à circulação (iluminação, pavimentação, calçada, meio-fio, rampa para cadeirante e placas de identificação).

“A árvore é uma drenagem natural. Onde há pouca árvore e muita pavimentação, é importante a presença dos bueiros”, diz a pesquisadora Elisa Caillaux.

A carência é acentuada em domicílios pobres. Nas moradias com renda per capita mensal de até um quarto do salário mínimo (R\$ 127,50, no período da pesquisa), 43,2% não têm árvores no entorno. O índice cai quase à meta-

Só 4,7% têm rampa para cadeirantes

● Apenas 4,7% dos domicílios urbanos brasileiros têm rampas para portadores de deficiência em suas quadras ou quarteirões. A proximidade de rampas foi constatada pelo Censo 2010 em 2,1 milhões de moradias, onde vivem 5,9 milhões de pessoas. No País, 13,2 milhões de pessoas têm dificuldade de locomoção.

Nenhuma cidade teve índice de 100% de moradias com rampas. A maior proporção é de Japuribara (CE), com 75,5% dos domicílios.

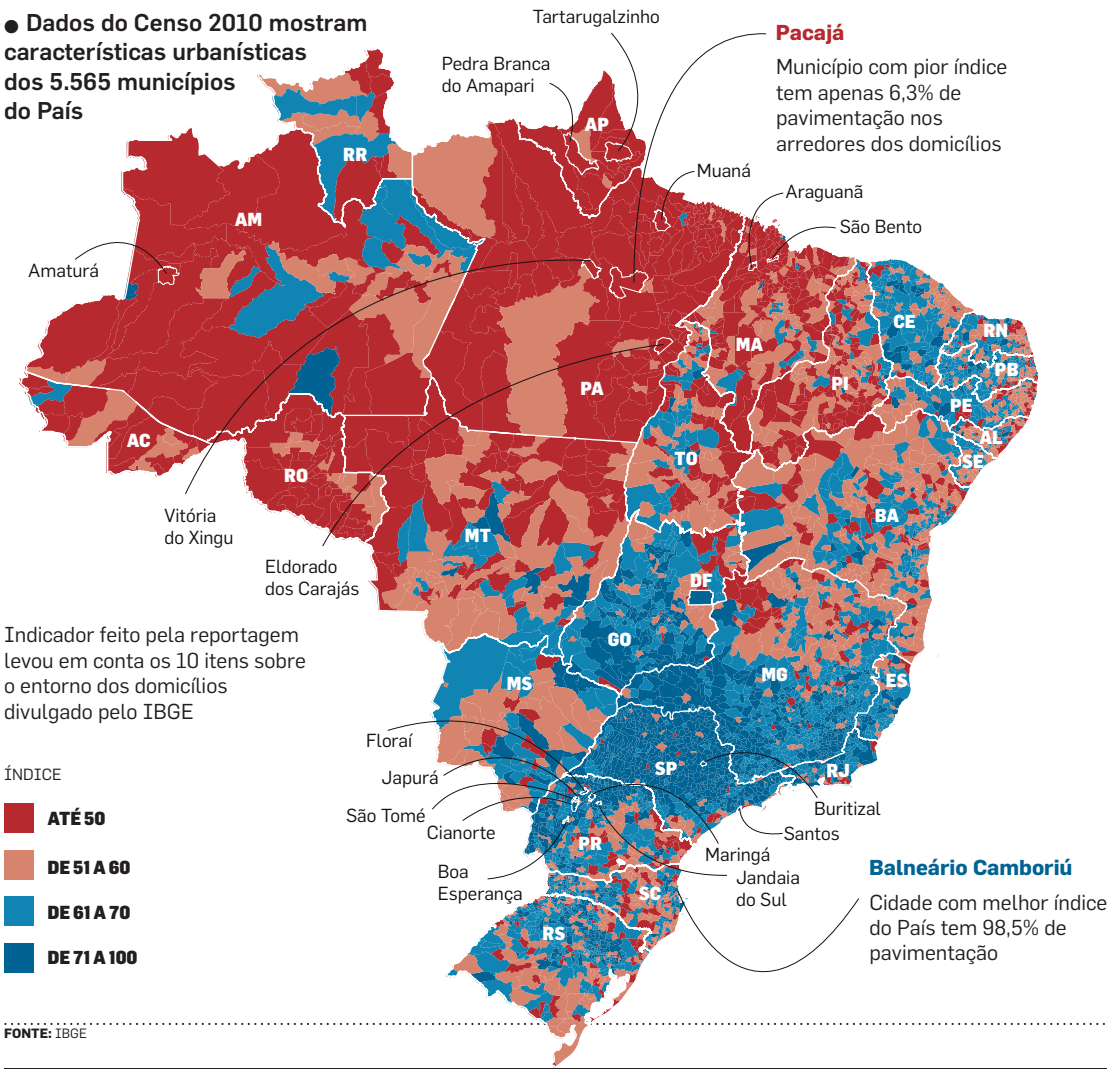
A presença das rampas foi um dos seis itens de circulação pesquisados. A iluminação tem a maior presença no entorno das casas e chega a 96,3% dos domicílios. Ruas pavimentadas abrangem 81,7% das casas. / **L.N.L.**

de (21,5%) nas residências de renda de mais de dois salários mínimos (R\$ 1,02 mil) por pessoa.

Pior e melhor. Em plena Floresta Amazônica, Manaus (AM) tem o segundo mais baixo índice de arborização – fica atrás apenas de Belém (PA) – entre as cidades com mais de 1 milhão de habitantes. Apenas um quarto (25,1%) das moradias tem ao menos uma árvore no entorno e 20% ficam diante de esgoto a céu aberto. No outro extremo, Goiânia (GO) mostra a melhor infraestrutura e as melhores condições ambientais, com altas taxas de arborização e baixos índices de esgoto a céu aberto e lixo acumulado. / **COLABORARAM WILLIAM GASPARE e RUBENS SANTOS, ESPECIAL PARA O ESTADO**

INDICADORES URBANOS

● Dados do Censo 2010 mostram características urbanísticas dos 5.565 municípios do País



FONTE: IBGE

Ranking

Dos dez municípios com melhor índice, oito estão na Região Sul. Entre os dez piores, oito estão na Região Norte

Os 10 melhores

MUNICÍPIO	ÍNDICE
BALNEÁRIO CAMBORIÚ (SC)	91,3
JANDAIA DO SUL (PR)	90,8
BURITIZAL (SP)	88,4
MARINGÁ (PR)	87,7
SANTOS (SP)	87,4
BOA ESPERANÇA (PR)	87,3
FLORAÍ (PR)	87,3
SÃO TOMÉ (PR)	87,2
CIANORTE (PR)	86,9
JAPURÁ (PR)	86,9

Os 10 piores

MUNICÍPIO	ÍNDICE
PACAJÁ (PA)	17,8
AMATURÁ (AM)	19,5
PEDRA BRANCA DO AMAPARI (AP)	22,7
ELDORADO DOS CARAJÁS (PA)	23,4
ARAGUANÁ (MA)	24,0
AVEIRO (PA)	25,5
TARTARUGALZINHO (AP)	25,8
SÃO BENTO (MA)	26,1
VITÓRIA DO XINGU (PA)	26,3
MUANÁ (PA)	26,5

INFOGRÁFICO/AE

Esgoto passa na porta da casa de 18,6 milhões de brasileiros

RIO

Pelo menos 18,6 milhões de brasileiros – quase a população de Minas – vivem em áreas urbanas com esgoto a céu aberto nas portas de suas casas, mostra pesquisa do Censo 2010. As pessoas expostas ao esgoto equivalem a 12% da população pesquisada.

Do total de domicílios analisados, 11% ficam próximos a valas ou córregos que recebem esgoto. São 5,1 milhões de casas onde

vivem principalmente pobres, crianças e negros ou pardos.

De todas as capitais, o cenário em Teresina é alarmante. Sete em cada dez domicílios, ou 71,8%, tinham esgoto a céu aberto. Entre as cidades com mais de 1 milhão de habitantes, Belém tem o maior índice: 44,5% dos domicílios. A média nacional elevada é causada pelos altos índices das Regiões Norte (32,9%) e Nordeste (26,3%), que contrastam com o Centro-Oeste (2,9%).

O esgoto atinge com mais intensidade os domicílios com crianças de zero a 9 anos – 15% vivem em casas com valões de esgoto. “A cidade não vai ser saudável se as comunidades caren-

estadão.com.br

Online. Confira análise de José Roberto de Toledo
www.estadiao.com.br/e/censo

tes não forem”, diz o sanitarista Alexandre Pessoa Dias, pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

Dois dos cinco filhos do pedreiro Ivanildo Santos, de 43 anos, estão doentes. Ontem, foram medicados em um posto de saúde do bairro Terra Firme, em Belém. Com febre e diarreia, a doença das crianças diagnosticada pelo médico é problema comum na vizinhança. “A gente está cansado de pedir a atenção do governo, mas ninguém quer saber do nosso sofrimento”, diz Santos. O bairro, na bacia do igarapé do Tucunduba, tem acúmulo de lixo e 95% das casas não têm esgoto. / **L.N.L. e CARLOS MENDES, ESPECIAL PARA O ESTADO**